

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
BACHARELADO

JOSÉ WILTON BUARQUE DE FARIAS

KARLA BEATRIZ DOS SANTOS

VALDIRENE MOREIRA DE SOUZA ALMEIDA

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DO JUDÔ NO  
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE CRIANÇAS  
COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

RECIFE/2022

JOSÉ WILTON BUARQUE DE FARIAS

KARLA BEATRIZ DOS SANTOS

VALDIRENE MOREIRA DE SOUZA ALMEIDA

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DO JUDÔ NO  
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE CRIANÇAS  
COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,  
como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em  
Educação Física Bacharelado.

Professor Orientador: Esp. Marcela Maria da Silva

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

L768c Lira, Cristiano Lima de  
As contribuições do treinamento funcional para a melhora da  
capacidade funcional em idosos / Cristiano Lima de Lira, Diego Santos  
Xavier, Jefferson Santos de Souza. - Recife: O Autor, 2022.  
23 p.

Orientador(a): Esp. Edilson Laurentino dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Educação Física, 2022.

Inclui Referências.

1. Treinamento Funcional. 2. Capacidade Funcional. 3. Idosos. 4.  
Benefícios. I. Xavier, Diego Santos. II. Souza, Jefferson Santos de. III.  
Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 796

*Dedicamos esse trabalho a nossos pais.*

*“Educação não transforma o mundo.  
Educação muda as pessoas. Pessoas  
transformam o mundo.”  
(Paulo Freire)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	8
<b>2.1. Um breve histórico sobre o judô e sua dimensão pedagógica</b> .....	8
<b>2.2. Dados gerais sobre a deficiência visual</b> .....	10
<b>2.3. Benefícios do Judô</b> .....	11
<b>2.4. Judô e inclusão</b> .....	12
<b>3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	15
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	16
<b>4.1 Resultados</b> .....	16
<b>4.2 Discussão</b> .....	19
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	21
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	22

## AS CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DO JUDÔ NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

José Wilton Buarque de Farias

Karla Beatriz dos Santos

Valdirene Moreira de Souza Almeida

Marcela Maria da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo consiste em analisar os benefícios da prática do judô como um esporte que possibilita crianças com deficiência visual a estimular o aumento da imunidade, ganho de massa magra, força, agilidade, velocidade, resistência, equilíbrio, flexibilidade, noção espacial e expressão corporal. Esses estímulos são considerados importantes para o desenvolvimento motor da criança. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, baseada em livros, artigos e sites científicos, de autores e pesquisadores renomados no âmbito da Educação Física e de áreas afins. Por fim, com base nos dados analisados pode concluir-se que o Judô ajuda na locomoção do Deficiente Visual, sendo assim podemos indicá-lo como prática esportiva aos Deficientes Visuais.

**Palavras-chave:** Judô. Deficiência visual. Desenvolvimento psicomotor.

### 1 INTRODUÇÃO

O objetivo central desse estudo é investigar as contribuições da prática do judô para o desenvolvimento psicomotor de crianças com deficiência visual.

Toda e qualquer prática desportiva junto à educação especial torna-se de fundamental importância aos deficientes visuais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011), a deficiência visual é uma das mais prevalentes no mundo, cerca de 285 milhões de pessoas têm deficiência, incluindo adultos, idosos, adolescentes e crianças.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deficientes visuais correspondem a 6,5 milhões de brasileiros, representando 3,4% da população, sendo aproximadamente 500 mil brasileiros cegos, e 6 milhões com grande dificuldade de enxergar (SILVEIRA et al., 2019).

---

<sup>1</sup> Professor(a) da UNIBRA. Especialista e orientador da disciplina de \_\_\_\_\_ do curso de Educação Física Bacharelado. E-mail para contato: nononono@nonoon.com.

Segundo Vieira e Júnior (2006) afirma que o judô se tem destacado por suas características, pois ele não é somente uma técnica física para o corpo, mas também um princípio filosófico para o fortalecimento do espírito. Ou seja, esse princípio se aplicará em todas as fases da vida humana, em todos os desafios, combates e contratempos com que, por acaso, enfrentará o deficiente visual nas suas atividades, quer sejam esportivas, sociais ou profissionais.

Sabendo que o judô é um esporte que possibilita crianças a estimular o aumento da imunidade, ganho de massa magra, força, agilidade, velocidade, resistência, equilíbrio, flexibilidade, noção espacial e expressão corporal. Esses estímulos são considerados importantes para o desenvolvimento motor da criança (PEREIRA et al., 2021).

Será feita uma abordagem sobre o judô como ferramenta de desenvolvimento psicomotor para crianças com deficiência visual, destacando-se as vantagens e os obstáculos enfrentados, de forma a mostrar os caminhos que possam trazer bons resultados para a população. Apresentar-se-á uma breve análise sobre o surgimento, a evolução e conceitos do judô e como a prática desse esporte pode ser significativa para pessoa com deficiência visual.

O objetivo central desse estudo é investigar as contribuições da prática do judô para o desenvolvimento psicomotor de crianças com deficiência visual.

Os principais autores utilizados para embasar teoricamente esse trabalho foram: Ana Paula Braga, Russo Júnior W, Maturana dos Santos e Tavares Junior.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. Um breve histórico sobre o judô e sua dimensão pedagógica**

Durante anos Jigoro Kano dedicou-se a estudar as antigas formas de autodefesa baseadas nas leis da dinâmica, e da ação e reação. Ele selecionou várias técnicas do Jiu-jitsu, criando o estilo do caminho suave. No ano de 1882, no Japão, é criada uma nova modalidade de luta. Com técnicas e condutas sistematizadas e aprimoradas do jiu-jitsu, surge o judô, desenvolvido pelo mestre Jigoro Kano, onde mantinha o princípio do *bushido* mas sem o caráter letal. Esse novo estilo eficiente, esportivo, inteligente e com finalidade nobre, o qual seria regido pela busca da “eficiência máxima do uso do corpo e da mente para o benefício e o bem estar mútuos”



(KANO, 2008). JU significa suavidade, e DÔ, caminho. A arte do caminho suave, aquela que utiliza a força e deslocamento do adversário para vencê-lo (TAVARES JR, 2003).

Neste mesmo ano, o mestre Kano fundou o Instituto Kodokan. O termo Kodokan se divide em três formas: KO que significa palestra, estudo, método; DO que significa caminho, via; e KAN que significa instituto; no geral, significa "Um lugar para estudar o caminho". Além de criar um esporte, ele também desenvolveu uma linha filosófica baseada no Ippon- Shobu (luta pelo ponto perfeito), e um código moral. Assim a prática do judô não apenas fortalece o físico, mas também a mente e espírito.

O código moral tem oito princípios básicos: cortesia, coragem, honestidade, honra, modéstia, respeito, autocontrole e amizade.

- Cortesia, para ser educado com no trato com os outros;
- Coragem, para enfrentar as dificuldades com bravura;
- Honestidade, para ser verdadeiro em seus pensamentos e ações;
- Honra, para fazer o que é certo e se manter de acordo com seus princípios;
- Modéstia; para não agir e pensar de maneira egoísta;
- Respeito, para conviver harmoniosamente com os outros;
- Autocontrole, para estar no comando das suas emoções;
- Amizade, para ser um bom companheiro e amigo.

Desta forma, mestre Kano conseguiu criar uma modalidade que não restringe apenas homens de vigor físico, mas também que se estende para crianças, mulheres e idosos de qualquer peso e altura. Depois de anos de trabalho junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI), o judô passou a ser, oficialmente, nos jogos olímpicos de Tóquio em 1964. De acordo com Virgílio (1986), o judô em duas grandes máximas: o SEIRYOKU ZENYO (o melhor uso da energia) e o JITA KYOEI (prosperidade e benefícios mútuos).

No sentido de realizar uma proposição acerca deste tema, objetivamos no texto sistematizar o conteúdo Luta nas aulas de Educação física escolar (EFE), partindo da manifestação geral e especificando em uma modalidade, o judô. Concluímos que necessita de aprofundamento e a sistematização desse conteúdo e que deve ocorrer além dos domínios técnicos, de forma que se adeque ao cotidiano dos estudantes, contribuindo para sua formação.

## 2.2. Dados gerais sobre a deficiência visual

A deficiência visual ou perda visual é a perda ou diminuição grave e irreversível da função visual que não é corrigível com lentes ou cirurgia, que interfere nas atividades cotidianas. A deficiência visual engloba todas as condições em que existe comprometimento da visão. A Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica a deficiência visual em seis graus, de acordo com a acuidade visual da pessoa. Quando a perda de visão é parcialmente denominada visão subnormal. A visão subnormal pode ser ligeira, moderada ou grave. Quando a perda de visão é total, ou quase total, denomina-se cegueira.

A cegueira divide-se em cegueira profunda, quase total e total. A maior parte dos cegos possui alguma função visual e percebe luzes, sombras e movimento, Só uma pequena percentagem é que não possui nenhuma sensação visual (CUNHA et al., 2019).

Por muito tempo não se levava em consideração presença de resquícios da visão, as pessoas eram tratadas como cegas, mesmo com uma visão subnormal. Porém com o passar do tempo, oftalmologistas tem se empenhado em desenvolver o potencial de visão em diversas atividades do dia a dia.

Algumas técnicas foram criadas para trabalhar com esse resíduo de visão, que ajuda a melhorar o bem-estar da pessoa com deficiência.

Sobre os recursos utilizados, Braga (1997) diz que:

Recursos ou auxílios ópticos para visão subnormal são lentes especiais ou dispositivos formados por um conjunto de lentes, geralmente de alto poder, que se utilizam do princípio da magnificação da imagem, para que possa ser reconhecida e discriminada pelo portador de baixa visão. Os auxílios ópticos estão divididos em dois tipos, de acordo com sua finalidade: recursos ópticos para perto e recursos ópticos para longe (BRAGA, 1997, p. 12).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, deficientes visuais correspondem a 6,5 milhões de brasileiros, representando 3,4% da população, sendo aproximadamente 500 mil brasileiros cegos, e 6 milhões com grande dificuldade de enxergar (SILVEIRA et al., 2019).

Segundo Garcia (2014), a cegueira não diminui as capacidades cognitivas ou conceptuais do portador, e também não altera o universo e natureza das necessidades comuns de todos os seres humanos, entre elas necessidades sociais,

afetivas, materiais e de bem-estar. No início do século XX, a definição de deficiência apontava para origens biológicas, o que sugere estabilidade dos quadros diagnosticados e poucas possibilidades de mudança. Essa concepção sofreu modificações no decorrer do tempo, onde a deficiência deixou de ser vista como algo pouco sujeito a alterações, e passou a ter categoria relacionada a perfis clínicos estáveis (LUCENTI et al., 2006).

Com ênfase para os fatores ambientais, incluindo os processos de aprendizagem que podem favorecer o desenvolvimento de pessoas com deficiência, muitas imagens atribuídas a crianças com deficiência estão associadas a alguns concepções que se tem de deficiência mental e a certas crenças e ideias cristalizadas pela sociedade. Essas imagens, tais como lentidão, falta de memória, apatia, ganham força, perpetuam-se e dirigem a maneira pela qual os adultos interagem com crianças com deficiência. A partir dessas ideias impregnadas que acabam por diminuir os portadores de deficiência, cria-se uma concepção de deficiente como um sujeito que possui uma capacidade de aprendizagem limitada e pré-definida (UEHARA et al., 2006).

### **2.3. Benefícios do Judô**

O judô surgiu no Japão, é uma arte marcial que usa o corpo como uma alavanca, para envolver e imobilizar o adversário. Mas além de ser uma arte marcial é um esporte que traz inúmeros benefícios para o praticante.

Na infância o esporte é pouco difundido na escola, muitas vezes é tido como atividades extracurriculares, onde, na sociedade, nem todos podem participar. Para os educadores e estudiosos da área, eles ajudam na formação cognitiva, afetiva e motora das crianças, além de colaborar para a interação entre elas.

Morimoto (2006, p. 13,) diz que “[...] o Judô não é apenas uma luta desportiva, ou um sistema invencível de ataque e defesa. Antes de tudo é um processo de educar a mente, o corpo e a moral, portanto é educação [...]”.

Outros autores também defendem o mesmo, Villiaumey (1998), defende que o Judô favorece o equilíbrio físico e psíquico-afetivo daqueles que o praticam, afinando as qualidades de concentração, aplicação, perseverança e abnegação.

O Judô é uma atividade corporal muito completa, fazendo assim com que exista um treinamento do corpo inteiro, tendo assim uma melhoria em toda a musculatura, aumentando a força e a elasticidade, assegurando uma melhora da resistência física geral, o domínio da respiração e aumentando o tempo de reação dos seus praticantes.

Almeida (2009) diz que os benefícios recreativos do Judô como brincadeiras, amizade e convívio com outras crianças começaram a ser identificados por psicólogos educadores e psiquiatras, que o recomendam como atividade moderadora e transformadora de crianças irrequietas e/ou complexadas, sendo os resultados alcançados, na maioria dos casos, bastante satisfatórios.

A prática do Judô está ligada à forma correta de respiração e de utilização do corpo. A respiração, largamente utilizada nestes exercícios, ajusta as funções de todos os órgãos do corpo: circulação sanguínea, aparelho digestivo e órgãos sensoriais, afirma Weineck (1991). É através da correta respiração que o homem consegue dominar as emoções e da respiração depende o funcionamento de todo o sistema orgânico do corpo. Atua, desta forma, também no reequilíbrio das energias.

Portanto, pelo o que foi visto, fica evidente que a prática do judô colabora para o melhor desenvolvimento psicomotor, alívio do estresse, aumento de força além da respiração entre outros.

#### **2.4. Judô e inclusão**

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tantos exercícios corretivos e de prevenção. A maioria dos historiadores e arqueólogos concorda que os chineses, em aproximadamente 2500 A.C., foram os primeiros a criar esses tipos de programas (COSTA; SOUSA, 2004).

Inicialmente o esporte para os portadores de deficiência possuía um caráter de prevenção, que buscava retardar possíveis efeitos que a doença poderia trazer para os mesmos, pode-se notar que o programa de educação física geral não conseguiu

abrançar a especificidade da pessoa portadora de deficiência, então a educação física adaptada veio a suprir essa lacuna existente. Nesse ponto nota-se a grande influência do passado militarista da área uma área acostumada a moldar corpos perfeitos, como essa área conseguiria lidar com corpos imperfeitos, mutilados, improdutos, se teve sua história marcada pela ideia do corpo bonito, perfeito e saudável.

Assim não restou outra opção para a Educação Física, era preciso criar um caminho para a área lidar com o deficiente, que basicamente como descrito anteriormente representava o oposto do quadro da área: de corpo imperfeito, improdutivo, sem rendimento. Então surgiu a Educação Física adaptada, destinada a atender o portador de deficiência.

Agora a Educação Física sabendo da “existência” dos deficientes, restava saber como ela se comportaria como ela agiria para trabalhar com essa nova perspectiva.

“A história do desporto para as pessoas portadoras de necessidades especiais começou na cidade de Aylesbury, Inglaterra. A pedido do governo britânico, o neurologista Ludwig Guttmann criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, destinado a tratar homens e mulheres do exército inglês feridos na Segunda Guerra Mundial. (COSTA; SOUZA, 2004, pg. 30)

A partir desse momento surgem duas correntes de pensamento, correntes essa iniciadas no exterior que futuramente seriam implantadas no Brasil, uma delas já citada é o enfoque médico que utiliza o esporte como auxílio na reabilitação dos pacientes buscando amenizar os problemas psicológicos advindos da ociosidade do hospital, esse trabalho buscava não somente o valor terapêutico, mas a oportunidade de suscitar novas possibilidades, o que resultou em uma maior interação dessas pessoas. Através do esporte “reabilitação” o deficiente era capaz de ser “eficiente” a comunidade pelo menos no esporte, segundo Costa e Sousa (2004).

A outra corrente, essa vinda dos Estados Unidos, utiliza enfoque esportivo como forma de inserção social, dando a conotação competitiva utilizada pelo desporto.

Essas correntes, no decorrer do tempo cruzam-se formando objetivos comuns. Saindo do componente médico-terapêutico, estendem-se à incorporação da prática esportiva e do desporto de rendimento, procurando a integração do atleta e sua reabilitação social.

O ponto máximo do esporte adaptado de rendimento é o acontecimento das Paraolimpíadas, jogos que vem a confirmar a junção das duas correntes

anteriormente citadas. A história dos jogos Paraolímpicos começa em 1952 quando um grupo de veteranos de guerra do Centro Militar de Reabilitação de Doorn (Países Baixos) competiu com os companheiros britânicos de Stoke Mandeville, acontecendo assim os primeiros Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, esse foi o primeiro passo, o sonho olímpico veio a se concretizar em 1960, em Roma, quando os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizaram naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada, e nas mesmas instalações, surgindo assim os Jogos Paraolímpicos, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência.

“A Educação Física, no nosso entendimento, apesar de parecer contraditório pelo paradigma higienista que sempre reinou em sua história, é uma das áreas do conhecimento que mais se desenvolveu nos últimos anos, em relação à especificidade de atendimento ao portador de deficiência. Podemos dizer que foi percebendo a diferença e valorizando principalmente a potencialidade dos deficientes que estes avanços puderam ser materializados e, como exemplo citamos a concretização dos Jogos Paraolímpicos (COSTA; SOUSA, 2004, pg.31)

Os jogos Paraolímpicos são a expressão máxima do desporto de alta competição entre as pessoas portadoras de deficiência. A estrutura do esporte paraolímpico brasileiro é muito parecida com a do esporte olímpico, o que difere é que as cinco associações nacionais que representam os paratletas brasileiros foram formadas em função do tipo de deficiência e não de um esporte específico.

Agora focando o Judô o esporte que vem a ser estudado nesse trabalho, também é um esporte paraolímpico, como já dito a representação dos paratletas é diferenciada, sendo que, a única categoria de Judô organizada no Brasil, dentro dos jogos Paraolímpicos, é o para Deficientes Visuais, organizado pela Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC), filiada a Associação Internacional de Desportos para Cegos (IBSA).

No judô as categorias se dividem por peso. Tanto para homens como para mulheres portadoras de deficiência visual. As regras são praticamente as mesmas da Federação Internacional de Judô, havendo apenas certas adaptações que são:

Não há punição para ultrapassagem da área de combate no tatame, e as advertências são feitas por meios audíveis.

Os lutadores iniciam a disputa já com a pegada estabelecida e a luta é interrompida quando os jogadores perdem o contato total um do outro.

O nível de desenvolvimento do judô Paraolímpico para cegos no Brasil é internacional, com alguns nomes que se destacam em competições internacionais, sendo o que mais conquistou medalhas o de Antônio Tenório, até 100kg, com 4 medalhas de ouro Paraolímpicas. Também como atleta Helder Araújo, até 60kg, que junto com Tenório ganharam em 2004, medalha de ouro no Campeonato Internacional Alemão de Judô para Cegos e Deficientes Visuais, no mês de maio, em Halle.

Assim nota-se que o Brasil tem sido representado em grandes competições internacionais, salientando que o avanço da Educação Física Adaptada no decorrer da história no que se refere a prática de atividade física e esportiva para o deficiente e altamente considerável pois ainda é uma prática bastante recente no Brasil.

Mas segundo Costa e Sousa (2004) mesmo que inegáveis as contribuições trazidas pela Educação Física Adaptada, não podemos deixar de explicitar o caráter segregacionista existente nessas práticas, ficando evidente na medida em que vivenciados somente por grupos de deficientes.

Podemos notar que a integração social do portador de necessidades especiais é uma realidade concreta através da prática de atividade física e desportiva, com participação em competições nacionais e internacionais, mas não podemos deixar de enfatizar que essa integração é de uma minoria, considerando que, tanto para os ditos “normais” quanto para os “especiais” a efetiva participação é de uma minoria.

### **3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

O percurso metodológico utilizado neste estudo partiu de uma abordagem qualitativa, pois o estudo realizado busca-se entender o porquê é importante o uso do judô como forma de desenvolvimento para crianças com deficiência visual, analisando as características do esporte em uma perspectiva inclusiva, onde as informações não foram numéricas ou quantificáveis.

Para Marconi e Lakatos (2006):

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares, (...) ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MARCONI; LAKATOS, 2006, p 271).

Para aprofundar teoricamente este trabalho científico recorreremos a uma pesquisa bibliográfica, pois a pesquisa foi baseada em livros, artigos e sites científicos, de autores e pesquisadores renomados no âmbito da Educação Física e de áreas afins. Onde as informações nos serviram de base para investigar o tema proposto, traçando um histórico sobre nosso objeto de estudo que é o desenvolvimento psicomotor de crianças com deficiência visual.

Para Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

Após determinado o tema, objetivo e o método a ser utilizado deram-se início às pesquisas. O trabalho foi dividido em quatro itens, com os assuntos que mais interessavam, e de forma contínua e coerente, iniciaram-se as abordagens sobre cada item.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo apenas levantamento bibliográfico, não houve participação de pessoas nesse estudo.

Os dados foram coletados através de levantamento bibliográfico a partir da utilização de livros, artigos e monografias, adquiridas de fontes seguras de consulta.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

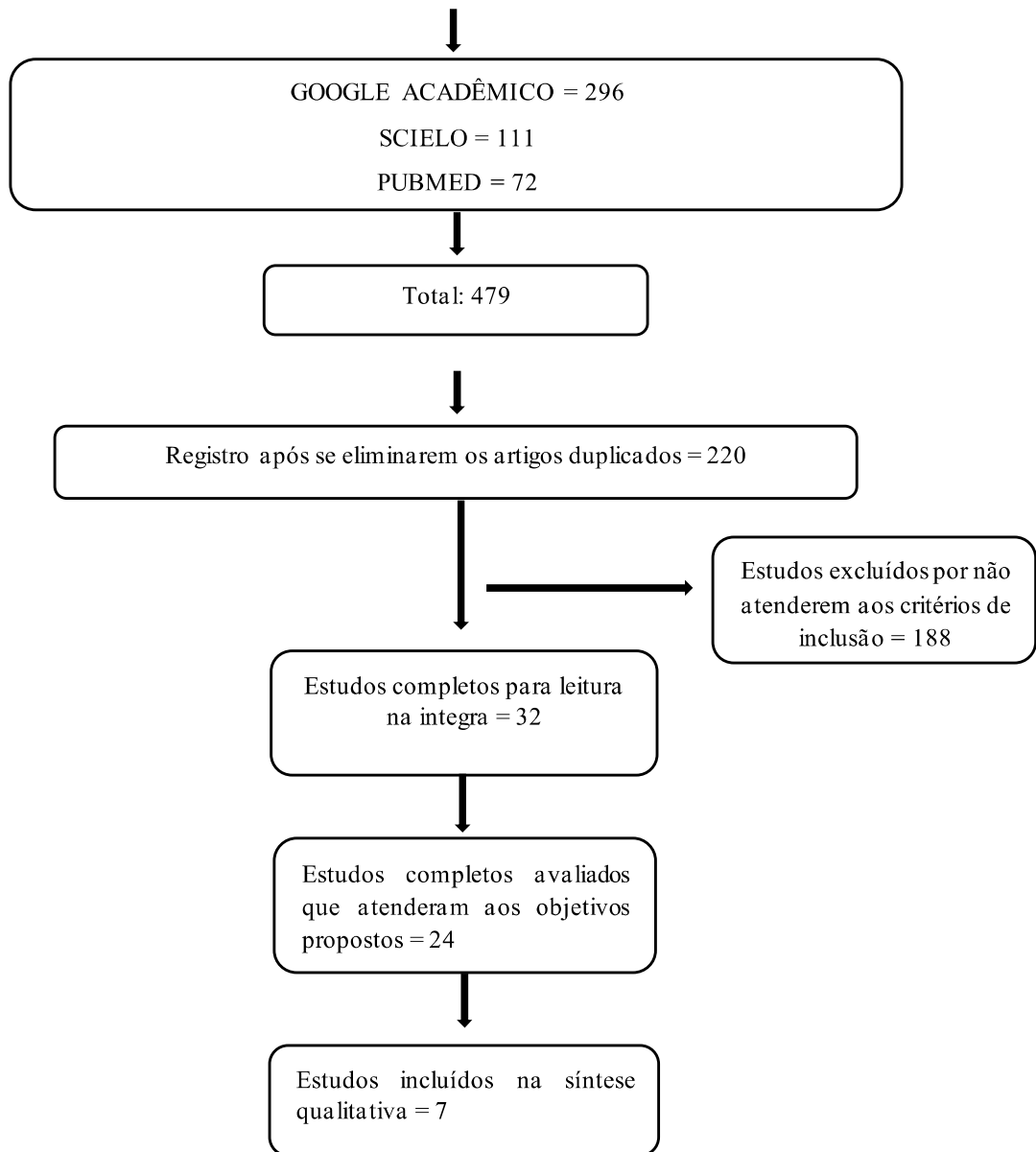
### 4.1 Resultados

Atendendo aos critérios de inclusão foram estabelecidos: artigos científicos completos, disponíveis na íntegra, publicados no período de 2001 a 2021, em periódicos nacionais e internacionais, no idioma português. Como critérios de exclusão, foram adotadas: livros, teses, dissertações, monografias, editoriais, além de artigos duplicados ou que não atenderam ao objetivo do estudo ou ao período estipulado.

**Figura 1-** Fluxograma das buscas nas bases de dados.

Busca pelos descritores: Judô, Deficiência visual, Desenvolvimento psicomotor.





Para organização e tabulação dos dados, foi montada uma tabela como instrumento de coleta de dados contendo: título, autor, base de dados, metodologia e resultados encontrados. Por fim, realizou-se à análise bibliográfica para caracterização dos estudos selecionados. Sendo assim, foram selecionados os conceitos principais abordados pelos artigos, havendo a categorização por similaridade de conteúdo.

**Tabela 1:** Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	RESULTADOS
SCHULER, Suely et al. 2007	Verificar Como a prática Judô/Jiu-Jitsu, por crianças nesta idade, colabora para o desenvolvimento integral da criança é a pergunta central.	Experimental	Crianças em séries escolares iniciais (6 – 12 anos)	O Projeto Judô/Jiu-Jitsu proporcionou prática desportiva às crianças, integrando harmoniosamente corpo e mente, contribuindo para a manutenção da saúde, individual e coletiva.
KRUMEL, Vinicius Franke (2011)	Investigar teoricamente as motivações que levam um deficiente visual a participar de um projeto de judô para pessoas com necessidades especiais.	Pesquisa quantitativa	Alunos do projeto Bugre de Lucena, no Rio Grande do Sul.	A prática esportiva se mostra muito eficiente e adequada aos deficientes visuais, pois contribui para socialização e desenvolvimento da autonomia do indivíduo.
SILVA, Marcelo F. V.; SILVA, Fabiane M. (2010)	Analisar a importância do Judo como conteúdo nas aulas de psicomotricidade durante a vida do deficiente.	Pesquisa teórico-empírica	Crianças em séries escolares iniciais (6 – 12 anos)	A atuação do Judô como prática desportiva apresentou sucesso na diminuição de defasagens psicomotoras, destacando-se na melhoria dos comprometimentos psicomotores e na aquisição e desenvolvimento das capacidades coordenativas e condicionantes.
FERREIRA, Ana Isabel (2013)	Verificar se a prática do Judô tem influência positiva no desenvolvimento das capacidades físicas de judocas cegos	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória.	Cinco participantes judocas com deficiência visual.	O Judô apresentou uma influência positiva no desenvolvimento das capacidades físicas dos judocas cegos através dos exercícios e técnicas que são utilizados, executados e

				promovidos pelos Mestres.
PINTO, Ana Carolina Pereira et al. (2021)	Verificar se o judô pode melhorar o equilíbrio de crianças com deficiência visual.	Pesquisa quantitativa	Nove crianças com deficiência visual, com idade entre 6 e 12 anos, que nunca haviam praticado judô.	Os resultados indicaram que a prática do judô é um método eficiente para o desenvolvimento do equilíbrio de crianças com deficiência visual.
MAHL, Eliane; BRUNIERA, Carolina Bonatto; COSTA, Larissa (2014)	Investigar as contribuições do esporte adaptado para a inserção das pessoas com deficiência à sociedade	Pesquisa qualitativa.	Oito atletas das modalidades esportivas Goalball e Handebol em Cadeira de Rodas.	Os resultados apontaram que o esporte adaptado, apesar dos benefícios dos aspectos de ordem física, psicológica ou social, não contribui para uma inserção social ampla por parte dos atletas
CAMPANI, Darci B.; KRUMEL, Vinicius F.; SCHNEIDER, Willy A. (2018)	Desenvolver a melhoria da qualidade de vida de pessoas portadoras de necessidades especiais e promover a inclusão social dessas pessoas	Experimental	Alunos do curso de Educação Física Especial, da Escola de Educação Física da UFRGS	No judô a evolução é medida através de exames realizados, dentro da estrutura do Gokyo, sendo que para cada teste são exigidas novas técnicas. Todos os alunos foram submetidos a esta avaliação, nos mesmos períodos que qualquer aluno o seria, sendo que o desempenho sempre foi igual.

## 4.2 Discussão

Schuller (2007) afirma que o judô proporciona prática desportiva às crianças (também aos adolescentes) integrando harmoniosamente corpo e mente, o que concorre para a manutenção da saúde, individual e coletiva. A partir desta filosofia, do

Judô, e concomitante à prática destes esportes, pode-se criar uma rede de proteção para estas crianças.

Ferreira (2013) conta que o Judô proporciona um desenvolvimento das capacidades físicas dos judocas cegos, tendo como base os exercícios e técnicas inerentes a esta modalidade desportiva, que vão permitir a evolução ao nível da motricidade, coordenação, esquema corporal, equilíbrio, postura, mobilidade e orientação, assim como o sentido de audição e tato.

O Judô envolve muito contacto físico, sendo um desporto que favorece as características físicas e intelectuais/psicológicas dos deficientes visuais. Desenvolve as suas capacidades físicas e motoras, assim como ajuda na sua integração, autoestima, confiança (FERREIRA, 2013).

Krumel (2011) discorre sobre a importância da estimulação esportiva para crianças com deficiência visual o mais rápido possível, quanto antes forem estimuladas menores serão seus comprometimentos decorrentes da ausência do sentido visual.

Pinto et al. (2021) afirmam que os constantes estímulos labirínticos, desequilíbrios, balanços, rotações e estímulos de contato, comumente utilizados na prática do judô, trazem uma redução do medo de cair por parte das crianças portadoras de deficiência visual. Isto porque, o objetivo principal no combate de judô é desequilibrar o oponente, fazendo-o cair. Desta forma, durante o treino de judô, judocas estão constantemente sujeitos aos movimentos imprevisíveis de seu adversário, que tenta desestabilizá-lo. Assim, além de possuir conhecimento de amortecimento de queda, o judoca adquire também uma boa capacidade de equilíbrio.

Para Silva e Silva (2010) o trabalho psicomotor pode levar a formação do deficiente visual, características positivas tanto no coletivo (integração de grupo, companheirismo, respeito mútuo), como individuais (emulação, domínio, esforço). Toda e qualquer prática desportiva junto à educação especial torna-se de vital importância aos portadores de deficiência visual.

Pinto et al. (2021) constataram que o Judô quando implementado proporciona uma melhora do controle do equilíbrio em crianças com deficiência visual, favorecendo a aquisição de habilidades motoras e influenciando positivamente na mobilidade destas crianças. Em consequência, a consequente redução do risco de quedas e lesões, pode contribuir para a independência funcional e auxiliar na promoção de autonomia social, melhorando a qualidade de vida.

Mahl, Bruniera e Costa (2014) creem que o Deficiente Visual, mesmo com todas as dificuldades impostas não se acomodavam, iam então até em busca do esporte, o que tiravam eles do sedentarismo e induzia aos benefícios, explorando também melhoras significativas no psicológico.

Campani et al. (2018) ainda nos falam, que o Judô por ensinar técnicas de quedas (*Ukemis*) ele assegura ao Deficiente Visual uma segurança a mais para locomover-se, sua percepção de deslocamento lateral, lateralidade e movimentação corporal são aguçadas trazendo assim fatores determinantes para que o Deficiente Visual sinta mais segurança ao locomover-se.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o estudo realizado, podemos averiguar que o judô proporciona uma vasta vivência motora a seus participantes, com a aprendizagem dos golpes e quedas os alunos desenvolvem a lateralidade, noção espaço temporal, bem como a melhoria no deslocamento dentro e fora do tatame.

Por outro lado, o professor que irá ministras as aulas para deficientes visuais tem como necessidade a verbalização da aula. Uma vez que a demonstração das técnicas não pode ser utilizada como metodologia de ensino, cabe então ao professor descrever verbalmente como serão os golpes com riqueza de detalhes. Além do enriquecimento por parte dos alunos o professor ganha profissionalmente muito com esta prática.

Conclui-se também que a parte filosófica do esporte deve ser sempre introduzida nas aulas de Judô, pois a maioria dos autores citados durante o trabalho, falam sobre os benefícios que isso agrega para vida intrínseca e extrínseca dos praticantes.

Por fim, com base nos dados analisados pode concluir-se que através de bibliográficas que o Judô ajuda na locomoção do Deficiente Visual, sendo assim podemos indicá-lo como pratica esportiva aos Deficientes Visuais.

A Educação Física tem muito a oferecer às pessoas portadoras de diversos tipos de deficiência, nas mais variadas formas de atividade. Seguramente, é capaz de promover maior integração social do deficiente, provocando seu interesse pelo Esporte e pela própria graduação profissional.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Ana Paula. Recursos ópticos para visão subnormal—seu uso pela criança e adolescente. **Revista Con-tato**. São Paulo, Laramara, 1997.

CAMPANI, Darci Barnech; KRUMEL, Vinícius Franke; SCHNEIDER, Willy Adolf. **Judô para portadores de deficiência visual**. 2018. Disponível em: <http://congressoanterior.redeunida.org.br/resumos/RE1199-1.pdf> Acesso em: 27 out. 2022.

COSTA, Alberto Martins; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, 2004.

FONSECA, João José Saraiva. **Apostila da Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GARCIA, Mário Rui da Conceição Sanches Costa. Cegueira congênita e adquirida: **implicações na saúde mental e resiliência**. Dissertação de Mestrado, 2014. Disponível em: <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/6424> Acesso em: 27 out. 2022.

HUEARA, Luciana et al. O faz-de-conta em crianças com deficiência visual: Identificando habilidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 12, p. 351-368, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pessoas com deficiência**. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em 05 de março de 2022.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física**. São Paulo: Pensamento, 2008. 128 p

KRUMEL, Vinicius Franke. **Aspectos motivacionais no judô para deficientes visuais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura. 2011.

MALH, Elinane; BRUNIERA, Carolina Bonatto; COSTA, Larissa da. Contribuições do esporte adaptado para a inserção social a das pessoas com deficiência. **EFDeportes.com Revista Digital**, v. 19, n. 194, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 2006.

MENDES, Marcelo Melo. **Lutas e Artes Marciais**. Licenciatura em Educação Física a Distância. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PASCOLINI, Donatella; MARIOTTI, Silvio Paolo. Global estimates of visual impairment: 2010. **British Journal of Ophthalmology**, v. 96, n. 5, p. 614-618, 2012.

PINTO, Ana Carolina Pereira Nunes et al. O judô adaptado como ferramenta para a reabilitação do equilíbrio de crianças com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 2, p. 187-194, 2021.

SCHULER, Suely et al. **Judô e jiu-jitsu e o desenvolvimento integral de crianças em séries escolares iniciais**. Dissertação de Mestrado - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Educação Comunitária com Infância e Juventude, 2007.

SILVA, Marcelo Florentino Veríssimo; SILVA, Fabiane Muniz. **O auxílio do Judô no desenvolvimento da percepção corporal do deficiente visual**. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

SILVEIRA, Sidnei Renato et al. Estratégias para Apoiar os Processos de Ensino e de Aprendizagem de Alunos com Deficiência Visual: relato de experiências em um curso de bacharelado em sistemas de informação. **Redin-Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 8, n. 1, 2019.

TAVARES JUNIOR, A. C. **A produção científica no judô: da academia para as academias**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2003.

VILLIAUMEY, J.; **As artes marciais japonesas**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ralvos, 1998.

VIEIRA, C. S; SOUZA JÚNIOR, W. R. **Judô paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê paraolímpico Brasileiro, 2006.

WEINECK, J.; **Biologia do esporte**. Tradução de Anita Viviani. Verificação Científica de Valdir Barbanti. São Paulo: Manole, 1991



## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores desta instituição pelas correções, aprendizados trazidos, orientação, e seu grande desprendimento em ajudar-nos.

Aos nossos colegas de curso, com quem convivemos intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que nos permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formandos.

À instituição de ensino UNIBRA essencial em nosso processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendemos ao longo dos anos do curso.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.